

## VENTRILOQUISMO <sup>1</sup>

Hans Ulrich Gumbrecht

Tradução de Luiz Costa Lima

Muito sufocante é este verão em Ithaca, uma pequena cidade no norte do estado de New York, próximo à fronteira canadense, onde todos os anos, durante seis semanas, se realiza a School of Criticism and Theory, da Cornell University, com quatro seminários sobre temas filosóficos e de teoria da literatura, de que se responsabilizam proeminentes convidados, pertencentes à América acadêmica, e cerca de noventa doutorandos, no papel de “estudantes”, vindos de todo o mundo (só a metade estuda nos Estados Unidos). Os temas das conferências, seminários e “workshops” são os hoje destacados nas ciências sociais: teorias do performativo, o reluzente pós-colonialismo multicultural e, sobretudo, todos os *gender-studies* em suas múltiplas versões, desde o feminismo existencial à la Simone de Beauvoir, passando pelo construtivismo da sexualidade até às amplas reflexões sobre a antropologia da sexualidade.

Os estudantes esforçam-se sinceramente, mas poucas vezes com êxito, em justificar seu papel, à medida que procuram formular suas questões, que não devem se confundir com uma opinião retoricamente

---

<sup>1</sup> Texto escrito por ocasião da participação do autor como professor na School of Criticism and Theory, na Universidade de Cornell (Ithaca, New York) em junho/julho 2005. Publicado em *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 20 de julho de 2005.

recheada. Suas dificuldades têm a ver com uma premissa de todas as discussões, que se relaciona ao conceito do “revisonismo teórico”, orientador do programa. Ele supõe que cada uma das possíveis perguntas encontrará respostas conclusivas nos clássicos da teoria da geração precedente. Antes de tudo, naturalmente, nos escritos de Jacques Derrida, mas também em Deleuze, Fanon ou Zizek, em R. Williams, A. Badiou e G. Agamben, cujos livros parecem cada vez mais ocupar o vácuo discursivo deixado por Derrida. Lyotard, de Man, Habermas e W. Benjamin só redescoberto nos anos de 1960 saem um tanto da lista das estrelas. Mas no revisionismo também figura que os textos das autoridades se ajustem a um “horizonte do problema” estritamente definido. Ele consiste na visão não problemática de um mundo curvado ao império americano, em que somente alguns cientistas sociais denodados e uns poucos escritores ajudam ativamente os muitos privados de direitos, mantendo-se heroicamente mas, por certo, sem esperança.

De fato, para os estudantes não há muito o que perguntar. Eles antes se esforçam em, por suas intervenções, chamar a atenção do palestrante sobre si, tendo em conta o mercado de trabalho acadêmico. Daí que suas intervenções costumem começar por “bem compreendi o senhor quando suponho que...” ou “pode o senhor, por favor, detalhar melhor este pensamento”. Mas tão logo uma pergunta intencional ou equivocadamente ultrapassa as fronteiras do revisionismo, estabelece-se um movimento peculiar. Torna-se então claro que a verdadeira paixão de leitura dos estudantes, em alguns casos oculta, dirige-se a muitos e velhos clássicos, sobretudo (mas não exclusivamente) aos clássicos da tradição filosófica alemã. Vêm à luz conhecimentos sólidos dos escritos de Nietzsche, Husserl e Heidegger, leituras de Bergson, Ibsen, Emerson, Freud, Schopenhauer, Hegel e, naturalmente, também, de Marx. No centro da fascinação, porém, estão os escritos críticos de Immanuel Kant, no mínimo tão freqüentemente citados quanto os *best sellers* de Agamben e Derrida. Muitas das perguntas resplandescentes têm uma concretude sociológica, há muito abandonadas pelos velhos professores

de esquerda. E com timidez fecunda notam os estudantes que mesmo os grandes clássicos não formularam e solucionaram todas suas perguntas. A significação dos novos “working class studies”, formula um deles, está exatamente na compreensão de que as análises marxistas do capitalismo já não são dogmas.

Os professores então fazem uma cara séria e compreensiva (pois o tom dominante é o de uma recíproca e respeitosa esperança, expresso em *basso continuo*), acompanhada de um gesto verbal que os jovens desiludidos chamam subrepticamente de “ventriloquismo”. Os professores esforçam-se em deixar em segundo plano cada um dos pensamentos pessoais com o argumento de que um Hegel lido na perspectiva de Žizek, um Marx recebido a partir de Benjamin e, sobretudo, um Kant elaborado pelas leituras de Heidegger por Derrida, respondem a todas as questões pensáveis. E o ventriloquismo reativo não falha. No fim, a estudante da Namíbia, que dirige seu doutorado ao significado do jazz nos romances afro-americanos – e dedica os domingos a tocar cravo na missa da comunidade batista negra - convenceu-se que só a leitura da teoria do narcisismo de Freud, tal como vista por Gilles Deleuze, lhe será de ajuda. Sem ser notada, ela baixa a cabeça, como se grata de haver-se dado conta de sua decisão em, acima de tudo, não confiar em sua própria experiência.

Com o passar das semanas, os estudantes se dão conta de que seu destino é o de haverem nascido muito tarde. Como os bibliotecários e filólogos da Alexandria da época helenística, ampliam seus papéis de jovens eruditos, que, com grande saber e leve resignação, julgam as novas tarefas de seus clássicos favoritos. Com isso, desenvolvem uma competência maior de que há poucos anos atrás, quando, sob a condução de seus professores revolucionários, deviam solucionar os problemas do pós-colonialismo e das minorias sexuais.